

**DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO
AMBIENTE ESCOLAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA REFLEXÃO
PERTINENTE**

**DEVELOPMENT OF SOCIO-EMOTIONAL SKILLS IN THE BASIC EDUCATION
SCHOOL ENVIRONMENT: A RELEVANT REFLECTION**

**DESARROLLO DE HABILIDADES SOCIOEMOCIONALES EN EL ÁMBITO
ESCOLAR DE EDUCACIÓN BÁSICA: UNA REFLEXIÓN RELEVANTE**



10.56238/CONEDUCA-126

Yêda Sá Malta

Mestra em Gestão de Ensino na Educação Básica
Instituição: Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
E-mail: yedamalta@hotmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1442-6056>

Juliana Malta Soares

Especialista em Psicologia da Educação, Especialista em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem
Instituição: Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), Faculdade Pontifícia Católica (PUCRS)
E-mail: julianamalta.psi@gmail.com
Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2460-6558>

RESUMO

As competências são fundamentais para o desenvolvimento integral dos alunos e para o sucesso acadêmico e profissional. No contexto escolar, as competências socioemocionais são essenciais para promover a convivência, a inclusão e o bem-estar dos estudantes. Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância das competências socioemocionais no ambiente escolar e suas estratégias para promover o desenvolvimento dessas competências em estudantes da educação básica. Trata-se de uma pesquisa pautada nos procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica. Destaca-se a existência de variadas ações que podem ser feitas pelos docentes da educação básica a partir dos critérios de mediação que estimula as competências socioemocionais no ambiente escolar. Os resultados desta pesquisa permitem concluir que existe relevância na abordagem das competências socioemocionais na educação básica para melhorar a ação pedagógica e estimular nos estudantes a colaboração em equipe e a reflexão ativa, gerando, assim, uma aprendizagem mais significativa permeada pelo protagonismo estudantil.

Palavras-chave: Competências Socioemocionais. Inteligência Emocional. Ambiente Escolar. BNCC.

ABSTRACT

Competencies are fundamental for the integral development of students and for academic and professional success. In the school context, socio-emotional competencies are essential to promote coexistence, inclusion, and the well-being of students. This article aims to reflect on the importance of



socio-emotional competencies in the school environment and strategies to promote the development of these competencies in basic education students. This research is based on the technical procedures of bibliographic research. It highlights the existence of various actions that can be taken by basic education teachers based on mediation criteria that stimulate socio-emotional competencies in the school environment. The results of this research allow us to conclude that there is relevance in addressing socio-emotional competencies in basic education to improve pedagogical action and stimulate teamwork and active reflection among students, thus generating more meaningful learning permeated by student protagonism.

Keywords: Socio-emotional Competencies. Emotional Intelligence. School Environment. BNCC (Brazilian National Curriculum Base).

RESUMEN

Las competencias son fundamentales para el desarrollo integral del alumnado y para el éxito académico y profesional. En el contexto escolar, las competencias socioemocionales son esenciales para promover la convivencia, la inclusión y el bienestar del alumnado. Este artículo busca reflexionar sobre la importancia de las competencias socioemocionales en el entorno escolar y las estrategias para promover su desarrollo en el alumnado de educación básica. Esta investigación se basa en procedimientos técnicos de investigación bibliográfica. Destaca la existencia de diversas acciones que el profesorado de educación básica puede implementar, basándose en criterios de mediación, para estimular las competencias socioemocionales en el entorno escolar. Los resultados de esta investigación permiten concluir que es relevante abordar las competencias socioemocionales en la educación básica para mejorar la acción pedagógica y estimular el trabajo en equipo y la reflexión activa en el alumnado, generando así un aprendizaje más significativo, permeado por el protagonismo estudiantil.

Palabras clave: Competencias Socioemocionales. Inteligencia Emocional. Entorno Escolar. BNCC (Base Curricular Nacional Brasileña).



1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento de competências socioemocionais no ambiente escolar é uma necessidade essencial para preparar os estudantes para o convívio diário e duas projeções de futuro. As escolas precisam se adaptar a essa realidade e buscar investir nessa mudança de comportamento, visando promover um ambiente escolar mais harmonioso e que contribua para a formação de cidadãos mais equilibrados e conscientes de seu papel na sociedade, ou seja a formação de um ser humano integral capaz de vivenciar as agruras da vida cotidiana mais fortalecido emocionalmente. Nessa perspectiva, compreende-se a necessidade de inserir nas aulas as instigações e orientações sobre as competências socioemocionais, independente do componente curricular que esteja sendo ministrado para que os estudantes a partir de reflexões em grupos possam desenvolver e estreitar vínculos afetivos, emocionais e sociais vitalizando as aprendizagens em sala de aula.

Fonte (2019, p.61) Afirma que “ao visarmos à educação do indivíduo em seu sentido pleno: individual, social, espiritual, cognitivo e físico, percebemos que é necessária a colaboração de todos que com ele convivem nos anos de formação.” Por essa razão é muito importante o envolvimento e acompanhamento da família no processo de aprendizagem na promoção da corresponsabilidade educacional.

O desenvolvimento desta pesquisa se fundamentou na medida em que, fica cada dia mais esclarecido a necessidade de enxergar a outra pessoa como parceiro de jornada de vida. E esse aprendizado pode ser iniciado na mais tenra idade e ser continuado pela vida escolar inteira, gerando assim, no nosso entender existência da relevância de ampliar os conhecimentos relacionados à temática abordada nesta pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa pautada nos procedimentos técnicos da pesquisa bibliográfica sobre a importância das competências socioemocionais no ambiente escolar. Traz como objetivo geral, fomentar reflexões sobre os fundamentos teóricos utilizados na prática educacional relacionados com as competências socioemocionais e a inteligência emocional.

2 COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

O ambiente escolar se posta em alguns momentos como uma gangorra de sensações, as quais vão se alinhando em um entrecer de fatos e ações permeadas por um gama de emocionalidade que fortificam ou enfraquecem os fios sensórios que se refletem nas relações interpessoais e intergrupais diariamente. No caso do exercício da docência de sala isso fica muito explícito, posto que, nele estão inseridas as mais variadas competências, dentre as elas, as técnicas, emocionais, sociais, psicossociais e outras mais que fomentam o seu fazer pedagógico. Nesse sentido Chiavenato (2010, p. 81) afirma que “O comportamento humano das pessoas é orientado para a satisfação de suas necessidades pessoais e para o alcance de seus objetivos e aspirações.”



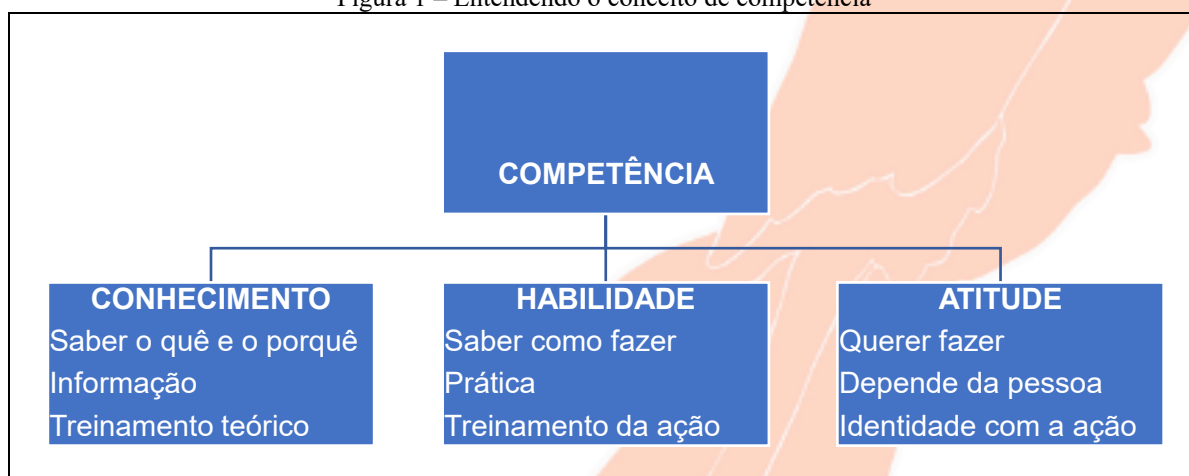
Wallon identifica várias etapas no desenvolvimento da personalidade, posto que, desde o nascimento o ser humano vivencia uma dependência extremada com as pessoas que o cercam, principalmente com a mãe, "A sensibilidade da criança se estende ao ambiente; ela reproduz os seus traços e não sabe se distinguir deles" (Wallon, 2007, p. 121).

Esse período inicial de vida é essencialmente nutrido de emoções e, a criança se comunica por meio do choro, pois, não sabe falar e expressar suas necessidades. Segundo esse autor há nessa relação com vínculo maternal surge uma linguagem nutrida de emocionalidade, na qual o indivíduo vai aos poucos concebendo a consciência de si e do mundo.

Na sequência do desenvolvimento e crescimento da pessoa, essa interação diária com outras pessoas significativas vai dando suporte à construção da individualização desse ser humano e ao exercício da sua inteligência emocional, a partir das situações, de concordância e/ou oposição às outras pessoas e ao mundo, que podem ser observadas no ambiente escolar ou qualquer espaço de socialização que esteja participando ao longo da sua vida.

De acordo com o dicionário Holanda (2010, p. 398) a palavra inteligência significa “faculdade de conhecer, compreender e aprender; capacidade de compreender e resolver novos problemas e conflitos e de adaptar-se a novas situações. Zarifian (2001, p.72) enfatiza que “A competência é um entendimento prático de situações que se apoia em conhecimentos adquiridos e os transforma na medida em que aumenta a diversidade das situações”. Corrobora-se, portanto com as ideias emergidas por Oliveira et al (2008) quando ressalta que “para que haja competência total é necessário que os conhecimentos teóricos sejam acompanhados das qualidades e da capacidade que permitam executar decisões.”

Figura 1 – Entendendo o conceito de competência



Fonte: figura criada pela autora da pesquisa

Nesse sentido, observa-se na figura 1, que o exercício da competência necessita do acúmulo de conhecimento sobre algo, da habilidade de saber executar ações referentes a esse conhecimento e,



principalmente, da atitude, que se caracteriza por decidir fazer algo. Essa determinação de fazer algo deverá estar alinhada aos valores do indivíduo que a executa, pois poderá gerar consequência para si e para seu entorno de vivência. Atualmente, essas competências socioemocionais recebem o nome de *Soft skills*, principalmente na área empresarial.

Para Robles (2012, p. 457) conceitualmente “*Soft skills* são traços de caráter, atitudes e comportamentos, em vez de aptidão técnica ou conhecimento”. As *soft skill* são intangíveis, competências não técnicas específicas da personalidade que determinam os pontos fortes como líder, facilitador, mediador e negociador.

Nessa perspectiva, Swiatkiewicz (2014, p. 678), ao tratar das habilidades universais/transversais as aproxima do entendimento das competências socioemocionais ao afirmar que

Habilidades universais/transversais, não acadêmicas e não relacionadas com a formação ou desempenho de funções técnicas, traços de personalidade, objetivos, preferências e motivações, atributos de carreira, tais como: capacidade de comunicar, de diálogo, de resposta, cooperação com o outros, trabalho em equipe/grupo, capacidade de resolver problemas/conflitos, motivar, estimular, incentivar, facilitar, apoiar, saber adaptar-se, criatividade, iniciativa, saber comportar-se e ter etiqueta.

Concorda-se com este autor quando trata dessas habilidades universais e as possibilidades de melhoria comportamentais que podem advir do seu exercício, principalmente se forem estimuladas no ambiente escolar e que podem ajudar na moldagem da personalidade se forem vivenciadas mais cedo estimulando a inteligência emocional.

Atualmente em ambientes empresariais ao exercitar as *Soft skills* os colaboradores podem a partir das competências socioemocionais gerenciar suas emoções, formular metas, buscar atingir objetivos, problematizar situações, buscar solucionar problemas, além de, manter relações sociais e tomar decisões com responsabilidade. Essas situações podem ser vivenciadas em ambientes de trabalho, sociais ou escolares. A dinâmica da ação laboral em diversos ambientes se modificou a partir do momento que estes passaram a identificar que seus colaboradores podem dominar tanto as habilidades técnicas quanto demonstrar habilidades comportamentais, emocionais e sociais subsidiadas pelas competências socioemocionais na efetivação das tarefas e ações propostas nos setores em que estão inclusos.

Na escola, essa complexidade do conviver humano também pode ser observada em vários setores. Na sala de aula, por exemplo, quando os educadores efetivam a organização de trabalhos em equipe, resolução de problemas, adaptação, criatividade, urge a necessidade do exercício de características cognitivas e sociocomportamentais para que a proposta educativa seja exitosa, apesar do nível de complexidade da tarefa definida. Fonte (2019) corrobora quando afirma que



a aprendizagem deve ser feita em conjunto. Juntos, podemos buscar novos caminhos, vislumbrar possibilidades que atendam aos reais interesses da vida que temos a encarar. Tudo isso implica a inteligência emocional. Não creio que seja fácil, mas creio que estamos no caminho e precisamos nos unir para reunir forças.

Concordamos com essa autora e ainda afirmamos que urge a necessidade de se aprender a lidar com a nova geração que se encontra em ambiente escolares. Devemos estar dispostos a aprender da mesma forma que devemos nos preparar para ensinar, transformando, assim, o espaço da escola em espaço de troca de experiências e concretizações de aprendizagens.

A respeito da Inteligência Emocional (IE), os psicólogos Mayer e Salovey (1990, p. 189) que a definiram como "a capacidade do indivíduo monitorar os sentimentos e as emoções dos outros e os seus, de discriminá-los e de utilizar essa informação para guiar o próprio pensamento e as ações". (tradução livre) Posteriormente, Mayer, Caruso e Salovey (2001) aperfeiçoaram esse conceito de Inteligência Emocional e ressaltaram, a existência do Quociente (QE) que possui quatro componentes que são: a capacidade de perceber avaliar e expressar corretamente uma emoção; a capacidade de gerar ou ter acesso a sentimentos quando eles puderem facilitar sua compreensão de si mesmo ou de outrem; a capacidade de compreender as emoções e o conhecimento derivado delas e a capacidade de controlar as próprias emoções para promover o crescimento emocional e intelectual. A inteligência emocional implica tanto as relações intrapessoais quanto as relações interpessoais e intergrupais.

Fernández-Berrocal et al. (2012), destacam que o desenvolvimento da inteligência emocional aumenta o sentimento de bem-estar e ajuda a formular o conceito de felicidade das pessoas, além e ajudar no enfrentamento das situações problemáticas, gerando adaptação e regulação, o que pode aumentar as chances de sucesso e minimização da possibilidade de fracasso.

Entende-se, portanto, que uma pessoa emocionalmente saudável é aquela que vivencia suas emoções quando estas ocorrem, que se frustra com as perdas, que se irrita quando algo foge ao seu controle, que busca entender seus medos e inconstâncias, mas, também, é aquela que busca se aprimorar diariamente compreendendo suas potencialidades e suas fragilidades. Por essa razão, a promoção de uma educação com foco no desenvolvimento das competências socioemocionais visa formar seres humanos mais compreensivos e resolutivos.

A seguir, mostra-se os pilares da IE no quadro 1, conforme Goleman (2007), que organizou a conceituação de Inteligência Emocional com base em competências, que incluem habilidades afetivas e cognitivas, estruturadas em cinco dimensões e duas categorias.



Quadro 1 – Os Pilares da Inteligência Emocional

Dimensões relacionadas a IE		Habilidades	Categorias de Competência
1.	Conhecimento das próprias emoções – Autoconhecimento	Habilidades cognitivas	Lidar consigo
2.	Controle das próprias emoções – Autocontrole		Lidar consigo
3.	Capacidade de motivar a si mesmo – Automotivação	Habilidades afetivas	Lidar consigo
4.	Empatia		Lidar com o outro
5.	Bom relacionamento interpessoal		Lidar com o outro

Fonte: Adaptada de Goleman (2007)

A partir dessa linha de raciocínio, compreende-se que a organização estrutural das competências socioemocionais pode ser entendida como um conjunto, interdependente, formado por conhecimentos, posturas, ações e atitudes permeadas pela emocionalidade e que necessárias ao exercício do conviver no ambiente escolar, tornando esse espaço produtivo e harmonioso.

Nesse contexto, Malta e Teixeira (2022, p. 296) no artigo denominado “Competências socioemocionais no Ensino Fundamental com o uso de jogos e dinâmicas” ao tratar sobre as boas relações no ambiente laboral destacam que

Esse bem-estar relacionado ao ambiente laboral escolar pode ativar competências não cognitivas e se transmutar em motivação, engajamento funcional, boas relações interpessoais e intergrupais e, compromisso com suas tarefas diárias.

Em razão do compartilhamento de vivências na área da Educação Básica, Ensino Superior e dos estudos a partir das especializações na área da Psicologia entende-se que as competências socioemocionais se alinham às capacidades individuais quando ocorre a construção do pensamento e a estimulação no cérebro das funções cognitiva, conativa, afetiva e prática que podem despertar habilidades, competências e atitudes assertivas, as quais são essenciais para o exercício de uma vivência social mais saudável. Para melhor entender as funções conativas, explica-se que estas, estão relacionadas às emoções, à motivação, à formação do temperamento e à organização da personalidade da pessoa.

Ao longo dos anos essas competências receberam outros nomes e foram se adaptando aos vários ambientes de convivência para estimular a aprendizagem significativa visando o desenvolvimento individual e coletivo.

Assim, destaca-se que a respeito da inteligência emocional, Goleman (1997, p. 54), trata sobre a necessidade de regulação do estado de espírito na organização do pensamento

A capacidade de a pessoa se motivar a si mesma e persistir a despeito das frustrações, de controlar os impulsos e adiar a recompensa; de regular o seu próprio estado de espírito e impedir que o desânimo subjugue a faculdade de pensar; de sentir empatia e de ter esperança.



Segundo este autor, a inteligência emocional agrupa cinco comportamentos (Figura 2) num modelo generalizado a citar: “a autoconsciência, o autocontrole, a motivação, a empatia e a gestão de relacionamento” (Goleman, 1997, p. 63).

Figura 2 - Modelo dos cinco comportamentos da Inteligência Emocional



Fonte: site da Escola Objetivo (2016)

Observando a Figura 2, é possível entender as competências socioemocionais como o conjunto de habilidades relacionadas com as competências cognitivas que ativam características capazes de fazer o convívio ficar mais sociável, tais como: empatia, processo decisório, flexibilidade em conflitos, curiosidade, persistência, criatividade, entre outras, que são muito significativas para a formação do ser humano integral. Mullins e Sabherwal (2018, p. 66) a respeito da importância da emoção para variedade da experiência humana e construção da sua força motivacional ressaltam que

A importância da emoção para a variedade da experiência humana é evidente ao evocar sentimentos de alegria, tristeza, prazer e dor. A emoção fornece a moeda principal nas relações humanas, bem como a força motivacional para o que há de melhor e pior no comportamento humano. (tradução nossa)

Logo, torna-se relevante conhecer cada dia mais a si mesmo e tentar conviver de forma colaborativa com as outras pessoas para que possamos dar mais significado ao ato de viver neste mundo.

Corroborando com as ideias dos autores citados anteriormente sobre o exercício das relações sociais, Malta e Teixeira (2021, p. 322) afirmam que

A educação precisa sempre está focada no exercício das relações sociais, visto que, o ser humano é um ser essencialmente social. Assim, entende-se que o desenvolvimento do pensamento social é tão importante quanto o pensamento operatório. Assim, é interessante não só estudar o desenvolvimento do pensamento lógico como também estimular os estudantes a pensarem e aplicar este pensamento não somente às ciências e às artes, mas à vida moral e social, à relação do homem com seus semelhantes e com a sociedade.



Ressalta-se que podemos supor que quando as relações sociais no ambiente escolar são permeadas por afetividade ocorre uma regulação das relações que se estabelecem entre a mediação feita pelos docentes, os estudantes (sujeitos de aprendizagem) e os objetos de conhecimento que se entrecruzam nos componentes curriculares existentes na base comum e na base diversificada que são ministrados na sala de aula ou qualquer espaço de aprendizagem da escola, tais como: experimentação no laboratório, jogos na quadra, projetos de leitura na biblioteca.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS NA PRÁTICA EDUCACIONAL RELACIONADOS COM AS COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS

Os fundamentos teóricos na prática educacional relacionados com as competências socioemocionais são baseados em várias teorias e modelos que buscam entender e promover o desenvolvimento emocional e social dos estudantes.

Destaca-se que Meier e Garcia (2008), a partir de contribuições de Feuerstein, elencam alguns critérios de mediação, em concordância com ações apoiadas nas competências socioemocionais, que podem ser transpostos para o convívio da sala de aula

A seguir no quadro 2, organizamos e adaptamos da BNCC os critérios de mediação que se inter-relacionam com as competências socioemocionais e dão suporte para ação docente.

Quadro 2 - Ações apoiadas nas Competências Socioemocionais

CRITÉRIOS DE MEDIAÇÃO	COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS DA BNCC	AÇÕES QUE PODEM SER FEITAS PELO EDUCADOR A PARTIR DOS CRITÉRIOS DE MEDIAÇÃO QUE ESTIMULA AS CSE
Intencionalidade e reciprocidade	Autocontrole	Apresentar objetivos/metapas claras e concretas – busca aumentar congruência de objetividade entre os estudantes.
Significado	Autoconhecimento	Explicar o conceito/tema ministrado na aula e suas inferências com outros conceitos de forma clara e verificar o nível de compreensão do estudante.
Transcendência	Consciência social	Articular as aprendizagens de maneira que favoreça ao estudante o entendimento da sublimidade existente nas informações que estão sendo repassadas e o contexto social no qual está inserido.
Competência	Tomada de decisão responsável	Ativar no estudante sua capacidade de aprender, com motivação, autoestima e autoconfiança, oportunizando situações de explanações, avaliações e, linguagens de acordo com tema e nível de complexidade abordado nas aulas. Estimulando a capacidade de realizar escolhas pessoais conscientes.
Regulação e controle do comportamento	Autocontrole	Orientar o estudante a perceber/controlar/regular suas emoções/ações nas diferentes situações, incluindo as estressoras. A discussão reflexiva, na sala de aula é uma estratégia importante.
Compartilhar	Habilidades de relacionamento	Reforçar o clima escolar de respeito permeado pela troca de ideias e afins, visando ajuda mútua e a valorização do convívio compartilhado e o equilíbrio entre os objetivos/metapas pessoais e do grupo.
Individuação e diferenciação psicológica	Consciência social	Esclarecer e valorizar as diferenças, desenvolvendo a consciência de individualidade e também de coletividade em cada sala de aula.
Planejamento e busca por objetivos	Autocontrole	Apoiar o aluno na identificação de suas metas, visto que precisam ser objetivas, claras, exequíveis e que respeitem as outras pessoas. A antecipação por imagens mentais ajuda no planejamento



		concreto dos passos possíveis de serem realizados. O diálogo é uma ferramenta importante nesse momento.
Procura pelo novo e pela complexidade	Tomada de decisão responsável	Propor situações com vários níveis de complexidade que possam favorecer a busca do conhecimento novo e resolução de problemas de forma equilibrada e respeitosa.
Consciência da modificabilidade	Autoconhecimento	Buscar novos caminhos, recursos, estratégias para gerar apoio cognitivo e socioemocional a todos os estudantes. A cada dia uma nova aprendizagem por ser concretizada.
Sentimento de pertença	Consciência social	Auxiliar os alunos a se sentirem pertencentes identificados com um grupo, atividade ou espaço físico, assim poderão aprender a identificar nas pessoas de sua convivência suas congruências ou discordâncias de ideias.
Construção do vínculo	Habilidades de relacionamento	Buscar interagir com estudantes de forma a gerar a criação de vínculos para melhorar convivência diária pela retroalimentação da confiança.

Fonte: Adaptado do texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017)

No quadro 2 observa-se a interligação existente entre o aprender e o ensinar permeado pelas competências socioemocionais que tem uma abordagem interacionista que consta na fundamentação teórica desta dissertação a partir das teorias de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon. As contribuições de Alicia Fernández ajudam no delineamento de olhar psicopedagógico que busca resgatar a complexidade do processo ensino-aprendizagem, tecendo, assim, uma trama de interrelações e interdependência entre os inúmeros fatores envolvidos no aprendizado. Os autores escolhidos e citados trazem em suas teorias subsídios para refletir sobre alguns dos aspectos da problemática da integração entre as habilidades e competências cognitivas, sociais e emocionais.

Dentre eles concentraremos as pesquisas em Henry Wallon na temática da afetividade tão necessária para o bom conviver em uma sociedade que se posta com a sensibilidade aflorada por muitas motivações transmutadas em diversas situações cotidianas e somada a tudo isso uma pandemia mundial que afetou de forma contundente a educação de todo mundo, principalmente a Educação Básica.

Por essa razão, a participação da família no acompanhamento dos seus filhos no ambiente escolar pode ser caracterizada como um fator preponderante de fortalecimento emocional dos estudantes, quanto mais próxima essa relação, mais se fortalece a possibilidade de situações problemas serem resolvidas com equilíbrio, consistência e harmonia.

Nessa perspectiva, Vera Vale no artigo “Do tecer ao remendar: os fios da competência socioemocional”, sugere que é fundamental que haja uma interação mais concreta e esclarecida entre docentes e família ao destacar que

Classicamente, a função social e emocional era atribuída aos pais, e aos professores a função intelectual. Hoje em dia essas fronteiras encontram-se diluídas, e pais e educadores entram por vezes em conflito no que diz respeito aos sistemas de valores. Uma prevenção que realmente previna fundamenta-se numa educação emocional adequada, precoce e concertada entre pais e educadores. (Vale, 2009, p. 142)



Corrobora-se com esta autora afirmando que ressignificar essa divisão de tarefas entre família e escola na formação das crianças e adolescentes em seus vários aspectos e, especificamente no socioemocional se posta como imprescindível. Nesse sentido, a Resolução nº 4/2010 do Conselho Nacional de Educação, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica ressalta que a educação básica deve se reger no princípio do cuidar e educar e no seu trabalho pedagógico

[...] busca garantir a aprendizagem dos conteúdos curriculares, para que o estudante desenvolva interesses e sensibilidades que lhe permitam usufruir dos bens culturais disponíveis na comunidade, na sua cidade ou na sociedade em geral, e que lhe possibilitem ainda sentir-se como produtor valorizado desses bens. (Brasil, 2010, p. 9)

Nesse sentido, se aduz que a educação tem o poder de resgatar o desenvolvimento do ser humano apesar de toda a sua complexidade e diversidade, além de estruturar a possibilidade de criação de novos saberes sociais e culturais.

Os estudos de Vygotsky e Wallon sempre nos levam a refletir que a relação entre afetividade e inteligência tem um caráter social e necessário para que o processo de desenvolvimento do ser humano seja válido.

Nesse contexto, ressalta-se que as políticas públicas e os projetos político-pedagógicos dos ambientes escolares precisam dar prioridade a ações que propiciem no processo de aprendizagem, a construção do conhecimento cognitivo e a busca do desenvolvimento de competências socioemocionais. Assim, é fundamental que haja mais investimentos na construção de materiais pedagógicos que possam fortalecer o desenvolvimento integral dos estudantes, principalmente na Educação Básica, fase em que as aprendizagens são estimuladas a partir do conhecimento de si e do outro.

A respeito da necessidade da descoberta do outro, Delors (2010, p. 97) afirma que “educação tem por missão, por um lado, transmitir conhecimentos sobre a diversidade da espécie humana e, por outro, levar as pessoas a tomar consciência das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta.” Entende-se que por sermos seres biofísico-psico-espírito-social estamos em constante adaptação aos ambientes e às pessoas.

A Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico - OCDE (2018, p. 4) formada por países-membros que se dedicam a promover o desenvolvimento econômico e o bem-estar social destaca no seu projeto “The Future of Education and Skills” a respeito da mobilização do conhecimento que



Os alunos mais bem preparados para o futuro são agentes de mudança. Eles podem ter um impacto positivo em seu entorno, influenciar o futuro, entender as intenções, ações e sentimentos dos outros e antecipar as consequências de curto e longo prazo do que fazem. O conceito de competência implica mais do que apenas aquisição de conhecimentos e habilidades; envolve a mobilização do conhecimento. (tradução nossa)

Nessa linha de pensamento, observa-se que a mudança tão vislumbrada se posta a partir do momento que tanto a escola com seus projetos pedagógicos quanto os estudantes e suas famílias estejam direcionados para o mesmo objetivo que é a formação de um ser humano integral capaz de acumular cognitivamente os conhecimentos e conviver com a emocionalidade equilibrada. Entende-se que nem essa preocupação e nem os estudos são recentes em relação às competências socioemocionais na educação.

Destaca-se que o papel e a importância das competências socioemocionais receberam destaque nos anos de 1990, visto que, nesse período ocorreu a publicação do Relatório Jacques Delors, organizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que representou um importante passo para as discussões sobre a importância de uma educação plena, que vise considerar o ser humano de forma integral. “O processo de aprendizagem do conhecimento nunca está acabado, e pode enriquecer-se com qualquer experiência”. (Delors, 2010, p. 92)

Nesse documento identifica-se a preocupação a respeito do trabalho do professor no ambiente escolar, visto que, sua ação funcional não consiste apenas em transmitir informações ou conhecimentos aos estudantes, mas, deve pensar em formas de apresentar os conteúdos de forma a estimular a resolução de problemas e a contextualização, buscando assim, a ampliação do olhar sobre as perspectivas que fazem parte do seu contexto de vida.

Nesse sentido, Malta e Teixeira (2021, p. 318) no artigo denominado “As competências socioemocionais no ambiente escolar: uma breve discussão” ressaltam

De forma geral, observa-se que é infinito o número de situações em que a inteligência emocional por meio da ativação das competências socioemocionais pode ser aplicada no ambiente escolar. Entende-se, portanto, que a inteligência emocional influencia tanto as relações intrapessoais quanto as relações interpessoais e intergrupais para tomada de decisões certas ou equivocadas.

As autoras sinalizam que em várias situações a inteligência emocional ajuda no desenvolvimento do pensamento social, ajudante em igual grau de importância a concretização da ação por meio do pensamento operatório. Assim, é interessante não só estudar o desenvolvimento do pensamento lógico como também estimular as crianças a pensarem e aplicar este pensamento não somente às ciências e às artes no ambiente escolar, mas à vida nos seus aspectos moral e social, à relação do homem com seus semelhantes e com a sociedade. A respeito das relações sociais Minicucci (2001, p. 73) afirma que



Nosso conhecimento com outras pessoas nunca pode chegar a grau de certeza lógico-abstrato que podemos aplicar à realidade física. No entanto, nosso intelecto pode parar o seu funcionamento quando chega às relações sociais. Os efeitos de maior alcance de um êxito intelectual importante se manifestam finalmente numa mudança na maneira como a sociedade encara a pessoa. Este é uma rede completa de valores, interesses, tradições e costumes que a sociedade transmite às gerações mais jovens.

Este autor nos faz refletir que a realidade social inclui as pessoas em relação concreta com outras e faz perpassar pelas gerações sua rede de valores, intencionalidade, criando assim, suas tradições e costumes.

Piaget (1993, p. 31) disserta que “a aprendizagem é uma consequência do desenvolvimento.” Resulta das ações e interações do sujeito com o ambiente onde vive e que todo o conhecimento é uma construção que vai sendo elaborada desde a infância, por meio da interação do sujeito com os objetos que procura conhecer, sejam eles do mundo físico, cultural ou social.

À vista disso, acredita-se que um processo de aprendizagem desenvolvido de forma criativa, permite ao indivíduo elaborar suas habilidades cognitivas de forma mais completa. Assim, a sala de aula requer interação social com os colegas e os adultos que vivenciam esse ambiente para que possam torná-lo produtivo cognitivamente e emocionalmente.

Fernández (1991, p. 48), a respeito da relação entre ensinante e aprendente no processo de aprendizagem ressalta que

A aprendizagem é um processo com uma matriz vincular e lúdica e com raiz corporal que possui níveis de relação entre ensinante e aprendente que podem ser organizados para entendimento da seguinte forma: orgânico (organismo individual herdado), cognitivo (inteligência construída internacionalmente), corporal (corpo construído especularmente) e afetivo (desejo que é sempre desejo do outro).

Destacando o aspecto afetivo no processo de aprendizagem, aponta-se pesquisas (Tassoni, 2000; Negro, 2001; Silva, 2001) que buscaram delimitar o possível papel da afetividade no processo de mediação do docente e seus estudantes na sala de aula. Tassoni (2000), identificou na interpretação dos dados acolhidos em relatos dos estudantes de três turmas da 1ª série do Ensino Fundamental que o comportamento de natureza afetiva das suas professoras na sala de aula ajudava a aprendizagem deles.

Negro (2001), em sua pesquisa em uma turma de 4ª série do Ensino Fundamental, buscou dar destaque aos aspectos da proximidade e da receptividade e identificou que os estudantes relataram que *"estar próximo é ter amizade, é gostar deles, é se importar com o que fazem, é explicar com carinho"* e isso gerava motivação para aprendizagem de cada um dos estudantes, pois gerava confiabilidade e afetividade e além disso, as docentes utilizavam elogios em suas aulas que ajudavam a incentivar a vontade de aprender e superar suas fragilidades e erros. Silva (2001) fez sua pesquisa em uma turma de 5ª série do Ensino Fundamental nas aulas do componente curricular Língua Portuguesa sobre a



relação Professor-Aluno e a partir das palavras verbalizadas dos estudantes pesquisados, observou que a mediação afetiva feita pela docente intervia na dinâmica relacional da sala de aula.

Segundo este pesquisador os estudantes-participantes da pesquisa teceram comentários como "a gente se sente mais à vontade para perguntar, não dá medo, dá mais segurança, tenho vontade de ficar perto da professora."

Em síntese, nesse recorte dessas três pesquisas aqui exemplificadas, identifica-se que a interpretação feita pelos estudantes a respeito do comportamento de suas docentes na sala de aula era direcionada na natureza afetiva dele. Isso demonstra mais uma vez a influência positiva do relacionamento adequado no processo ensino – aprendizagem. Outro ponto importante observado nessas três pesquisas foi a evidência de intencionalidade no comportamento das docentes, pois, demonstraram preocupação em cuidar da relação vivenciada no ambiente escolar com objetivo de fazer a mediação com afetividade entre o estudante e o objeto do conhecimento para fortalecer a ação motivacional de aprender.

Nessa linha de pensamento, lembrando pontos teóricos piagetiano, entende-se que para que a aprendizagem se efetive, deve ocorrer uma articulação entre inteligência e desejo de aprender, para que ocorra a efetivação do equilíbrio na assimilação e acomodação das informações apreendidas.

Piaget, Vygotsky e Wallon tutelam a grande importância da afetividade na constituição do desenvolvimento cognitivo. Para Piaget, a inteligência e a afetividade, embora de naturezas múltiplas, são indissociáveis, sendo a afetividade um fator gerador de energia para o desenvolvimento cognitivo e a estruturação do conhecimento; para Vygotsky, a afetividade seria a mola propulsora para uma aprendizagem significativa e estimuladora na zona potencial visando a busca da ampliação dos conhecimentos na zona potencial e para Wallon “o desenvolvimento vai se dando por sucessivas diferenciações e integrações entre os campos funcionais afetividade, ato motor e inteligência.” (ABED, 2014, p. 49)

Ao estudar a Teoria de Wallon nota-se que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do ser humano quanto do ambiente no qual ele estiver inserido, visto que, este o afeta de variadas formas. Segundo essa teoria o ser humano tem características orgânicas que lhe favorecem a determinadas situações, mas que o ambiente de convívio poderá permitir que essas potencialidades se desenvolvam.

Para Wallon (2007, p. 65) “Os domínios funcionais entre os quais se dividirá o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa.”

Em uma perspectiva psicogenética, a teoria do desenvolvimento de Wallon destaca que o desenvolvimento da pessoa se faz a partir da interação do potencial genético típico da espécie e de uma



grande variedade de fatores ambientais. A essência dessa teoria é o destaque dado à interação da criança com o meio, uma relação integrativa entre os fatores orgânicos e socioculturais.

O olhar Walloniano perpassa pela dicotomia entre o aspecto biológico e o aspecto social relacionado ao desenvolvimento humano, visto que, existe uma inter-relação eles. Destarte, Wallon (1990, p. 133) a respeito das interações entre o organismo e o ambiente afirma que

Mas nestas interações, entre o organismo e o ambiente, sempre sob o controle seletivo da atividade nervosa superior, o biológico não é completamente distinto do social. A inter-relação dos dois é primária e fundamental. Não é mais válido determinar as propriedades dos dois separadamente de acordo com suas naturezas particulares. Os processos se dão de forma tal que os dois, o biológico e o social, são componentes complementares. Estas substituições: processos em lugar de propriedades, atos no lugar de substâncias, são precisamente a revolução que dialética provocou em nossos modos de cognição.

Wallon fortalece a teia informativa destacando que o desenvolvimento humano se organiza a partir de quatro campos ou domínios funcionais: a motricidade, a afetividade, a cognição e a formação do eu. O campo “formação do eu” é um campo em si, mas também é resultante da convergência dos outros três campos (Prandini, 2004, p. 68).

Mahoney e Almeida (2005) no artigo intitulado “Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon” tratando sobre as emoções que acompanha o ser humano desde o início da vida e a afetividade que está relacionada a disponibilidade do ser humano de ser afetado de forma negativa ou positiva por sensações advindas do mundo externo e interno. Nesse ponto de vista, as autoras evidenciam que

Na puberdade e adolescência, o recurso principal de aprendizagem do ponto de vista afetivo volta a ser a oposição, que vai aprofundando e possibilitando a identificação das diferenças entre ideias, sentimentos, valores próprios e do outro, adulto, na busca para responder: *Quem sou eu? Quais são os meus valores? Quem serei no futuro?* que é permeada por muitas ambiguidades.

O processo de ensino-aprendizagem facilitador do ponto de vista afetivo é aquele que permite a expressão e discussão dessas diferenças e que elas sejam levadas em consideração, desde que respeitados os limites que garantam relações solidárias.

Alguns jovens utilizam o exercício da oposição a tudo que precisa vivenciar como uma forma de criar seu mundo em uma redoma. O entendimento de quem é como ser humano e como melhor se identificar com o seu entorno cria conflitos internos e possibilidade de mau uso de suas competências socioemocionais, caso não seja orientado com respeito e abertura de diálogo.

Nunes (2022, p. 138) afirma que “Reconhecer as capacidades socioemocionais como um dos eixos estruturantes do desenvolvimento humano é, assim, algo fundamental para não escaparmos de uma visão integrada e integradora dos sujeitos.” Entende-se, portanto, que essa visão integradora sirva de suporte para o desenvolvimento dos jovens estudantes.



No artigo denominado “Aprendizagem social e emocional: reflexões sobre a teoria e a prática na escola portuguesa” de Costa e Faria (2013), observa-se uma valorização implícita da função das competências de natureza emocional na escola e a busca por seu papel transdisciplinar e universal. Assim, as autoras destacam que

Nesta perspectiva, poder-se-á salientar que a Escola, para garantir o seu papel, cada vez mais transdisciplinar e universal, deverá integrar um modelo de desenvolvimento do aluno mais amplo e holístico, não incidindo apenas no seu desenvolvimento cognitivo, mas também no seu desenvolvimento social e emocional. (Costa; Faria, 2013, p. 412)

Concorda-se com as autoras quando afirmam que é necessário preparar os estudantes para o sucesso na vida entremeando as competências cognitivas e socioemocionais que ajudam a regular as emoções. Esse sucesso precisa ser entretido de um olhar mais abrangente de afetividade. Corroborando com essa ideia Laurinda Almeida em seu excepcional artigo sobre a teoria Walloniana chamado “Cognição, corpo e afeto” nos faz refletir sobre a criança como uma pessoa completa e ressalta que

Cabe lembrar que a escola pensada por Wallon, como a de hoje, é uma instituição social que assume múltiplos papéis na continuidade da socialização dos alunos. A cultura da escola, tanto pela via dos conteúdos explícitos que veicula como pelo currículo oculto que corre paralelo ao explícito, impõe mecanismos sutis para incutir valores e modelar comportamentos. Compreender a criança como uma pessoa completa, integrada, contextualizada, é o caminho para que a escola seja promotora de inclusão, e não de exclusão social. (Almeida, 2010, p. 31)

Observar o ser humano de forma ampla pode ser essencial para compreender a multiplicidade de papéis vivenciados rotineiramente e o quanto as emoções positivas e negativas podem ser causadoras de sensações oscilantes no ambiente de aprendizagem.

Por essa razão, no ambiente escolar, principalmente, no Ensino Fundamental deve-se levar em consideração as diferenças individuais de desenvolvimento cognitivo e as potencialidades de ações colaborativas dos estudantes, posto que, tudo isso implica diretamente no fazer pedagógico. E tanto o estudante quanto os docentes são seres bio-psico-espírito-sociais. Essas relações interpessoais bem alinhadas podem ajudar a consolidação do desenvolvimento cognitivo-afetivo nas relações que estimula a colaboração e a solidariedade exercitada entre indivíduo e sociedade, conforme preconiza a teoria Walloniana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

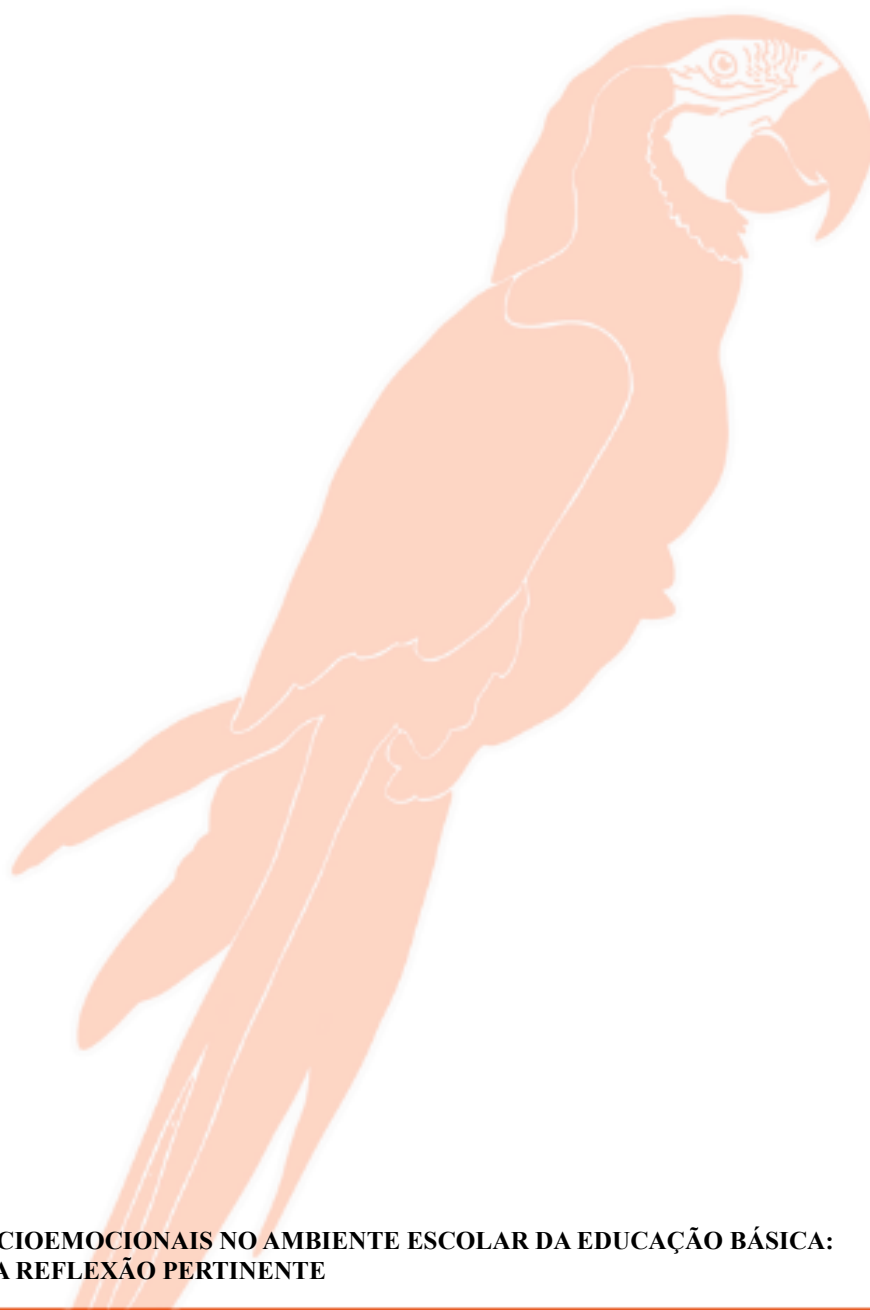
As competências socioemocionais constituem um eixo fundamental para a formação integral dos estudantes e para a construção de ambientes escolares mais colaborativos, acolhedores e propícios à aprendizagem. O grande desafio que se configura atualmente é investir nas competências



cognitivas/acadêmicas e nas competências socioemocionais no ambiente escolar visando melhorar o convívio e regular os possíveis conflitos que ocorram na vivência diária.

O estudo conclui que as competências socioemocionais são essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos e que os professores desempenham um papel fundamental na promoção dessas competências. Além disso, evidencia que o desenvolvimento socioemocional não ocorre de forma espontânea, pois, ele exige intencionalidade pedagógica, planejamento contínuo e a participação de toda a comunidade escolar, por isso, sugere que a gestão escolar deve priorizar a educação socioemocional propiciando momentos formativo ao seu quadro funcional para que possam ajudar a desenvolver essas competências nas vivências educativas com o alunado.

Por fim, é importante investir de forma significativa em estudos, pesquisas, discussões formações continuadas para todos os educadores sobre as competências socioemocionais na Educação Básica, pois acredita-se que se esta prática for incentivada, propiciará um ambiente escolar vivenciado com mais acolhimento, empatia, resiliência, respeito e cognitivamente mais produtivo.





REFERÊNCIAS

- ABED, Anita. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. São Paulo: UNESCO/MEC, 2014.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 14 de julho de 2010, Seção 1, p. 824, 2010.
- CHIAVENATO, Idalberto. Recursos humanos: o capital humano nas organizações. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- COSTA, Ana; FARIA, Luiza. Aprendizagem social e emocional: reflexões sobre a teoria e a prática na escola portuguesa. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, 2013.
- DELORS, J. et al. Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília, DF: MEC 179 UNESCO, 2010. (Obra publicada originalmente em 1996). Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por. Acesso em: 02 jun. 2025.
- FERNÁNDEZ, Alicia. A Inteligência Aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FERNÁNDEZ-BERROCAL, P., Berrios-Martos, M. P., Extremera, N., & Augusto, J. M. (2012). Inteligência Emocional: 22 años de avances empíricos. *Psicología Conductual*, 20(1), 5-13.
- FONTE, Paty. Competência Socioemocionais na escola. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.
- GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional (tradução). Lisboa: Temas e Debates, 1997. GROS, Begoña. The impact of digital games in education. *First Monday*, v. 8, n. 7, p. 6-26, 2003.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação*. 2005.
- MALTA, Yêda Sá.; TEIXEIRA, Cenidalva Miranda de Sousa. Competências socioemocionais no Ensino Fundamental com o uso de jogos e dinâmicas. In: IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VII NACIONAL DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO, São Luís: EDUFMA, 2022.
- MALTA, Yêda Sá.; TEIXEIRA, Cenidalva Miranda de Sousa. As competências socioemocionais no ambiente escolar: uma breve discussão. In: III SIMPÓSIO INTERNACIONAL E VI NACIONAL DE TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO, São Luís: EDUFMA, 2021.
- MAYER, J. D., CARUSO, D. V., & SALOVEY, P. (2001). Emotional Intelligence meets traditional standards for an intelligence. *Intelligence*, 27(4), 267-298. doi:10.1016/S0160-2896(99)00016-1 182.
- MAYER, John. D.; DiPaolo, Maria. T., SALOVEY, Peter. Perceiving affective content in ambiguous visual stimuli: A component of emotional intelligence. *Journal of Personality Assessment*, v. 54, n. 3-4, p. 772-781, 1990.



MEIER, Marcos; GARCIA, Sandra. Mediação da aprendizagem: contribuições de Feuerstein e Vygotsky. Edição do Autor Curitiba, 2008.

MINICUCCI, Agostinho. Técnicas do trabalho em grupo. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MULLINS, Jeffrey K., SABHERWAL, Rajiv. Beyond Enjoyment: A cognitive- Emotional Perspective of Gamification. In: Proceedings of the 51st Hawaii International Conference on System Sciences. 2018.

OLIVEIRA, Márcia Regina; SANTOS, Isabel Cristina; DE MELLO, Paulo Tadeu. Reflexões necessárias sobre a formação de competências e organizações de alto desempenho. 2008.

PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PIAGET. O nascimento do raciocínio na criança. 5. ed. São Paulo: El Ateneo, 1993.

PRANDINI, Regina Celia Rego Almeida. A constituição da pessoa: integração funcional. In: MAHONEY, Abigail Alvarenga e ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (Orgs.), A constituição da pessoa na proposta de Henri Wallon (pp 25-46). São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ROBLES, Marcel M. Percepções executivas sobre as 10 principais habilidades sociais necessárias no local de trabalho atual. Comunicação empresarial trimestral, v. 75, n. 4, 2012.

SWIATKIEWICZ, Olgierd. Competências transversais, técnicas ou morais: um estudo exploratório sobre as competências dos trabalhadores que as 185 organizações em Portugal mais valorizam. Cadernos EBAPE. BR, v. 12, p. 633 687, 2014.

VALE, V. Do tecer ao remendar: os fios da competência socioemocional. Exedra: Revista Científica, n. 2, p. 129-146. 2009.

WALLON, Henri. Evolução psicológica da criança. Reedição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. Psychologie et dialectique. Paris, Messidor/Ed. Sociales, 1990.

ZARIFIAN, P. Objetivo competência: por uma lógica. São Paulo: Atlas, 2001.